

CRITELLI, Dulce Mára. **Educação e dominação cultural** — tentativa de reflexão ontológica. São Paulo: Cortez, 1981. 92p.

O trabalho de Dulce Mára Critelli é resultado de uma reflexão ontológica sobre educação, que lhe proporcionou explorar com segurança uma temática moderna sobre educação e dominação cultural, tomando por base os ensinamentos filosóficos de Heidegger.

*Fundamentada na teoria da fenomenologia heideggeriana, a autora tenta descobrir o verdadeiro sentido epistemológico de **educação, dominação, cultura e libertação**, cuja compreensão auxilia o desvelamento do pensar sobre "educação libertadora numa cultura dominada", conforme sua tentativa nuclear de reflexão ontológica, no decurso do livro.*

Antes de desenvolver o tema, Critelli procura esclarecer ao leitor que pretende utilizar reflexão e linguagem próprias, visando, sobretudo, "compreender" o significado de educação e dominação no contexto sócio-educacional da realidade brasileira. Assim, a autora, procura estruturar o seu trabalho em cinco momentos de reflexão.

O primeiro momento (capítulo I) está voltado para a tarefa ontológica da educação, quando tenta explicar dois aspectos relevantes: o rigor do pensar filosófico e o desvelamento do ser educação. Com referência ao primeiro aspecto, ficou evidenciado de que a filosofia não se baseia nas experiências comprovadas, como acontece, por exemplo, nas ciências exatas, mas procura, acima de tudo, o saber e a compreensão da realidade total, e, por isso, utiliza como instrumento a REFLEXÃO. Neste sentido, a filosofia é entendida como "um método, uma postura, uma atitude reflexiva, questionadora de nossas verdades e de nossos fins..." Esta atitude questionadora é que leva o filósofo a refletir e dar uma resposta às questões sobre o mundo, a cultura e a própria sociedade em que ele vive.

Quanto ao segundo aspecto, Critelli expõe sobre o desvelamento do ser educação, que consiste especificamente em "descobrir o sentido do projeto educacional": Assim, a filosofia presta sua contribuição no desvelamento educacional na medida em que levanta um questionamento crítico e procura deixar claro o que se mantém oculto no processo educação. É próprio da Filosofia da Educação, através do senso crítico, esclarecer a verdade última, como é o caso do ser da educação, conclui a autora.

O segundo momento (capítulo II) procura situar melhor o contexto social e cultural, onde se encontra o que se entendeu por "educação libertadora numa cultura dominada". Este assunto está centrado em delimitar acima de tudo "tempo" e "lugar" onde se processa realmente essa educação. A partir dessas delimitações é que começa o trabalho de reflexão filosófica de forma "concisa". Diz que não pretende "historiar, definir ou justificar sociologicamente, mediante pesquisa empírica...", mas apontar as principais preocupações, que se apresentam como solução.

Neste capítulo, o discurso de Critelli resume-se em duas questões: uma sobre o contexto histórico, onde se encontra o processo educacional e a outra sobre a maneira como a reflexão ontológica se ocupa da educação, a fim de compreendê-la em plenitude.

Com referência à primeira questão, a autora tenta explicar o fenômeno, através do pensamento de Eduardo Galeano, quando este afirma que "a causa nacional latino-americana é, sobretudo, uma causa social — e, para que a América Latina possa nascer de novo, terá que começar por derrubar seus donos, país por país..." Através deste pensamento revolucionário está manifesta a revolta da dominação sofrida pela América Latina. Embora este modo de pensar de Galeano seja isolado, grandes pensadores entendem da mesma maneira, expressando a situação de "colonialismo" e "imperialismo" existente até então. Assim, segundo a visão heideggeriana: "o homem brasileiro não foi configurado por uma

história e uma cultura próprias, mas por uma história e uma cultura estranhas..." Por isso, a autora acrescenta que seria necessária uma reflexão ontológica sobre a nossa realidade, tendo em vista que "não éramos sujeitos, mas apenas objetos da história...". Dulce Mára amplia mais estas reflexões, passando a analisar a nossa real situação de dependência educacional e cultural, constatada pela utilização de métodos estranhos ao nosso modo próprio de ser. Mas, apesar disso, existe uma tomada de consciência dessa situação da dominação e, também, uma acentuada luta dos educadores e da própria sociedade brasileira por uma educação libertadora.

A partir do terceiro momento (capítulo III), a autora efetiva a sua reflexão sobre cada um dos elementos considerados como nucleares: "educação", "dominação", "cultura" e "libertação". Entretanto, a concentração recai fundamentalmente em dois termos: educação e dominação.

Com referência ao termo educação, o sentido etimológico de Educar (do latim "Educare"), significa "conduzir", "levar", ou de forma mais ampla: "conduzir alguém (ou algo) para fora do lugar onde se encontrava". Neste sentido, entende que educação propriamente dita seja "a ação de conduzir (arrancar) alguém para fora da condição (ou possibilidade) autêntica ou inautêntica em que se encontra existindo".

Quando se fala em educação, entendida neste aspecto, deve-se inserir, também, os termos autenticidade e inautenticidade. Autenticidade é entendida como "poder-ser-no-mundo-com-os-outros de maneira mais própria" e inautenticidade como "a privação e restrição em que se encontrava sendo-no-mundo-com-os-outros...".

Com esta reflexão, conclui que a educação brasileira é inautêntica e imprópria, na medida em que se faz "importação de modelos e sistemas educacionais estrangeiros...". Pode-se constatar este fato, historicamente, através das ideologias dominadoras. Por isso, no seu entender, a educação deixa de "ser si mesma" e torna-se inautêntica. Esta inautenticidade, segundo Dussel, expressa-se na postura de nossa geração como "silenciosa e calada...", fazendo parte da nossa própria cultura latino-ame-

ricana e permitindo a imposição do dominador sobre o dominado. Nesta situação é quando se aproxima do impróprio ou do "não ser". Na verdade, "ser impróprio é ser no mundo de modo impróprio...".

Assim, a autora esclarece detalhadamente a questão da impropriedade e chama a atenção, ainda, para a necessidade da libertação como um caminho para a autenticidade. Ao procurar "o vir-a-ser si mesma, de modo autêntico de uma cultura", é necessário "opor-se àquele que a domina".

Expõe, ainda, sobre a estrutura da dominação e sobre a secularização da inautenticidade. A esta estrutura básica da dominação pertencem os modos de ser, que Heidegger chama de "distanciamento, uniformidade e publicidade", e estão ligados à nossa modernidade tecnológica, e que exige uma reconquista fundamental, ou seja, "o ser si mesmo próprio não descansa num estado excepcional de sujeito desprendido do 'a gente', mas é uma modificação existencial do 'a gente', enquanto este é um essencial existencial".

A reflexão desenvolvida neste trabalho é no sentido de compreender "o educar libertador numa cultura dominada", e que, resumidamente, quer dizer: "aqueles que, em vivendo determinada cultura, compreende as possibilidades próprias do ser desta mesma cultura...".

O quarto momento (capítulo IV) procura refletir sobre o sentido do termo "cultura", que esteve presente nas considerações anteriores do trabalho. O conceito "cultura" é bastante amplo e até polêmico. Mas, a intenção não é só discutir este conceito, mas encontrar um sentido próprio como elemento de reflexão no contexto abordado. As conceituações entre autores são diversas, entretanto existe algo de comum entre elas, se analisadas comparativamente. Assim, "cultura" é tomada como objeto de interpretação e como um processo de trabalho criativo do homem. Esse processo criativo (ou cultura), consiste na capacidade que o homem tem de transformar a natureza, para satisfazer suas necessidades em todas as dimensões.

Para esclarecer melhor, a autora faz uma reflexão quanto ao sentido

etimológico do termo **cultura**, que vem do latim "colere" e significa "cultivar", "cuidar"... Por isso, ao dizer que "cultura é vida, é o mesmo que dizer, que o cuidar é forma de vida", na medida em que ontologicamente o ser da cultura é entendido como "cuidar" ou "zelar" de alguma coisa, que o homem faz em seu mundo. Em suma, **cultura** é: "habitar o mundo, como meu-ser-no-mundo-com-os-outros, cuidando dele. **Cultura dominada** é o habitar o mundo num modo impróprio e, como tal, cuidar dele"...

Assim, Critelli interpreta melhor esta compreensão, quando afirma que: "... nossa cultura latino-americana, mais precisamente a cultura brasileira, tem sido compreendida como **dominada**".

Na parte conclusiva do trabalho, foi retomada a questão da possibilidade de "uma educação libertadora numa cultura dominada"... Na sua reflexão, este assunto teve alguns aspectos focalizados no segundo capítulo, a respeito da "geração silenciosa e calada", e no terceiro, sobre o sentido do termo educação.

Todas estas considerações foram sintetizadas pela autora da seguinte forma: "a educação libertadora numa cultura dominada, encontra-se imersa no mundo do ser da modernidade, que é o da objetividade e da subjetividade dominadora, pretendendo libertar o mundo em que se encontra da dominação de um sujeito estranho a ela mesma, buscando-lhe autenticidade..."

Finalmente, focaliza a tarefa da educação, que consiste numa "ação de conduzir alguém para fora da condição (ou possibilidade) autêntica ou inautêntica em que se encontra existindo", ou seja, conduzir a educação para o vir-a-ser autêntico da libertação.

Nestes cinco momentos de tentativa de reflexão ontológica, Critelli procura repensar a educação brasileira sob a ótica da dominação cultural, bem como apontar novos rumos para uma educação libertadora.

Samuel Aureliano da Silva